

DANIEL P. FULLER

A UNIDADE DA BÍBLIA

o desenvolvimento do plano de Deus
para a humanidade



SHEDD
PUBLICAÇÕES

Sumário

Agradecimentos	9
Prólogo	11
Prefácio	15

Parte um O VALOR DA PESQUISA

1. Evidência da unidade da Bíblia	23
2. O cânon do Antigo Testamento e a unidade da Bíblia	31
3. O clímax das intervenções proféticas	43
4. O surgimento do cânon do Novo Testamento	53
5. O futuro no hinduísmo e no budismo	63
6. O mundo do islamismo	79

Parte dois OS FUNDAMENTOS DA HISTÓRIA REDENTORA

7. Um estudo indutivo de Gênesis 1.1 — 2.3	91
8. A necessária obra de Deus como uma trindade	105
9. A livre obra da criação de Deus	117
10. O primeiro passo para a resposta ao propósito de Deus	127
11. O segundo passo para a resposta ao propósito de Deus	143
12. A queda (Gênesis 2.4 — 3.24)	159
13. A justiça de um inferno eterno	171
14. As riquezas da misericórdia de Deus a partir da cruz	187



15. A quase extinção da descendência da mulher 201
16. A proteção para a descendência da mulher 217

Parte três
ISRAEL, O MANUAL DAS NAÇÕES

17. O perdão dos pecados de Abraão 225
18. A fé de Abraão nas promessas de Deus 239
19. A perseverante fé de Abraão 265
20. As bênçãos para a descendência de Abraão 285
21. Qual era o propósito da lei? 301
22. A lei cerimonial judaica 315
23. O reino de Deus no Antigo Testamento 337

Parte quatro
O EVANGELHO VAI AO MUNDO

24. Jesus apresenta o Reino de Deus 353
25. A presente realidade do Reino de Deus 367
26. A conversão de Israel 381
Apêndice 399
Bibliografia 421

O cânon do Antigo Testamento e a unidade da Bíblia

Os próximos três capítulos tratam da legitimidade dos livros que compõem os cânones do Antigo e do Novo Testamento. Já que estamos preocupados com a coerência da mensagem proposta nesses livros, devemos considerar as circunstâncias que os tornaram canônicos. O que motivou os judeus a definir que livros comporiam o cânon do Antigo Testamento, e as igrejas cristãs a decidir sobre os livros do cânon do Novo Testamento? As respostas a essas perguntas são importantes para sabermos se devemos esperar que haja uma mensagem unificada na Bíblia. Portanto, consideraremos agora que situação em Israel deu origem ao cânon do Antigo Testamento, uma conjuntura que nos fornece um argumento fundamental para sua coerência.

O senso de destino histórico de Israel

Israel é a única nação da terra que compreende sua história como o resultado de uma intervenção sobrenatural de Deus, cuja fundação ocorre a partir da eleição de Abraão. No oitavo século antes de Cristo, o profeta Amós expressou essa certeza citando as palavras de Deus: “Escolhi apenas vocês [Israel] de todas as famílias da terra” (Am 3.2). O primeiro procedimento de Deus na execução dessa decisão está registrado em Gênesis 12.1-3, onde ele ordena a Abraão:

Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei. Farei de você um grande povo, e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e você será uma bênção. Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem; e por meio de você todos os povos da terra serão abençoados.

A maior parte do Gênesis nos revela, então, como Abraão, seu filho Isaque e seu neto Jacó viveram como estrangeiros na terra de Canaã. O livro se encerra com o relato de como os doze filhos de Jacó se estabeleceram na terra do

Egito, onde as boas condições de vida tornaram possível que o clã em rápida expansão sobrevivesse.

Durante os quatrocentos anos que permaneceram no Egito, os israelitas caíram em desgraça com os egípcios, que os transformaram em escravos. No entanto, conforme relatam os livros que vão de Êxodo a Deuteronômio, Deus levantou Moisés e, através de obras milagrosas, resgatou seu povo do Egito, trazendo-o de volta para Canaã, a terra dos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó. Ali, Deus permitiu que os israelitas dominassem os cananeus para que a terra se tornasse sua, uma proeza que encontra sua melhor expressão nas palavras de Moisés dirigidas ao povo:

O Senhor não se afeiçãoou a vocês nem os escolheu por serem mais numerosos do que os outros povos, pois vocês eram o menor de todos os povos. Mas foi porque o Senhor os amou e por causa do juramento que fez aos seus antepassados. Por isso ele os tirou com mão poderosa e os redimiu da terra da escravidão, do poder do faraó, rei do Egito (Dt 7.7-8).

Outro exemplo da convicção israelita de que sua história estava sendo governada por Deus se encontra na pregação do profeta Jeremias (639-575 a.C.). Quando o povo estava prestes a ser conduzido ao cativeiro na Babilônia em razão de seus pecados, Jeremias declarou que a punição era apenas temporária e que Deus continuaria a realizar seus propósitos para Israel. Citando Deus, ele escreveu:

Se a minha aliança com o dia e com a noite não mais vigorasse, se eu não tivesse estabelecido as leis fixas do céu e da terra, então eu rejeitaria os descendentes de Jacó e do meu servo Davi, e não escolheria um dos seus descendentes para que governasse os descendentes de Abraão, de Isaque e de Jacó. Mas eu restaurarei a sorte deles e lhes manifestarei a minha compaixão (Jr 33.25-26).

Além disso, pelo menos três dos cento e cinquenta salmos, que tantas vezes repercutem as profundas convicções de Israel, referem-se ao fato de Deus agir ao longo de sua história. O Salmo 78 aborda sua obra em prol do povo de Israel, apesar de suas repetidas recaídas no pecado, começando por Abraão, passando pelo Êxodo do Egito e chegando à proclamação de Davi como rei. Salmos 105 relata as ações de Deus de Abraão até o Êxodo, e Salmos 106, seu cuidado com Israel do Êxodo até o Exílio, algum tempo depois de 587 a.C.

A formação do cânon do Antigo Testamento

O senso de destino histórico, portanto, era evidente, e seus escribas e sábios registraram essa história, produzindo a literatura mais completa e mais

bem conservada que qualquer outra nação antiga. A razão mais provável para que Israel preservasse sua literatura tão bem era a forte convicção do povo de que Deus o havia estabelecido como nação através de Abraão e muitas vezes intervira em sua história para salvá-lo da destruição, porque o Senhor estaria assim cumprindo a promessa feita àquele patriarca de que, em Israel, todas as nações do mundo poderiam ser enfim abençoadas. Os acontecimentos eram por demais importantes para serem esquecidos, e tão impressionantes que os israelitas desenvolveram uma literatura registrando o relacionamento de Deus com eles.

Mas a confiança na intervenção sobrenatural de Deus como explicação radical para a história de Israel não era compartilhada pelas nações vizinhas. Por tal motivo, o teólogo do Antigo Testamento Walther Eichrodt destacou que a singularidade da convicção de Israel deveria desempenhar um papel crucial na condução da história do mundo a um grande clímax. Ele observou como a consciência israelita de cumprir um propósito na história do mundo, regularmente reforçada pelas intervenções e declarações sobrenaturais de Deus, excluía “o medo que constantemente assombrara o mundo pagão, o medo da arbitrariedade e de capricho da divindade”. Israel se entendia como povo de Deus, “ou seja, um povo que possuía unidade em sua situação como *vassalo* de um Deus comum”.⁸

Três declarações no Antigo Testamento oferecem uma particular ajuda para tornar clara essa relação única. Uma está em Isaías 64.4: “Desde os tempos antigos ninguém ouviu, nenhum ouvido percebeu, e olho nenhum viu outro Deus, além de ti, que trabalha para aqueles que nele esperam”. Nenhuma das outras religiões do mundo registra alguma coisa parecida com um Deus que é transcendente ou pessoal, e que trabalha em benefício daqueles que se comprometeram com ele e, em consequência disso, esperam de bom grado a sua atuação. Em todas as demais religiões – e também em um cristianismo que não tenha lido a Bíblia com o suficiente cuidado –, fala-se apenas em servir a Deus e agir em nome de seus interesses.⁹

O tema de Isaías é expandido em Jeremias 32.40-41, onde Deus promete: “Farei com eles [Israel] uma aliança permanente: Jamais deixarei de fazer o bem a eles [...]. Terei alegria em fazer-lhes o bem, e os plantarei firmemente nesta terra de todo o meu coração e de toda a minha alma”. Essa relação única entre

⁸ Walther Eichrodt, *Theology of the Old Testament*, trad. de J. A. Baker, 2 vols. (Philadelphia: Westminster, 1961), 1:38, 40, itálicos nossos.

⁹ Os Capítulos 5 e 6 seguintes, que analisam rapidamente o hinduísmo, o budismo e o islamismo (assim como o cristianismo, as maiores religiões do mundo), demonstram esse ponto.

Israel e Deus é também proclamada pelo salmista, aqui de uma maneira ainda mais surpreendente: “Assim como os olhos dos servos estão atentos à mão de seu senhor, e como os olhos das servas estão atentos à mão de sua senhora, também os nossos olhos estão atentos ao Senhor, ao nosso Deus, esperando que ele tenha misericórdia de nós” (Sl 123.2). A continuidade naturalmente esperada após as duas orações subordinadas por “como” seria algo do tipo “assim os nossos olhos olham para ti, ó Deus, para entender cada sinal do que tu queres que cada um de nós faça”. Entretanto, a oração principal rompe radicalmente com essa expectativa normal para afirmar que Israel estava esperando que Deus operasse misericordiosamente *a favor deles*, em vez de servi-lo.

Porque a Bíblia é o único lugar onde se fala de semelhante Deus? Todo historiador é confrontado com o problema de explicar a convicção única de Israel sobre a sua relação com Deus, pois é axiomático que cada efeito deve ter uma causa proporcional. Defendo que a manutenção dessa certeza por parte de Israel e a cuidadosa preservação da literatura que registra e interpreta as intervenções divinas em sua história não podem ser explicadas por qualquer circunstância natural de seu passado. Mas, uma vez que cada efeito deve ter uma causa, a conclusão só pode ser de que Deus de fato interveio sobrenaturalmente na história de Israel, e que o cânon do Antigo Testamento é o resultado de um fenômeno que pode ser explicado apenas por esta intervenção milagrosa.

A conclusão do cânon do Antigo Testamento

As sobrenaturais e divinas intervenções que deram origem à compilação dos livros canônicos de Israel continuaram ocorrendo em sua história até cerca de um século depois de ser libertado do cativo e exílio na Babilônia. Ou Malaquias, o último dos chamados profetas menores, ou Esdras ou Neemias, eminentes líderes de Israel pós-exílio, recebeu a última palavra profética de Deus. Entretanto, conforme Israel passava do controle dos persas (539-331 a.C.) para o dos gregos (331-164 a.C.), gradativamente ficou evidente que há muitos anos não se recebia mais revelação profética de Deus. Por isso, quando em 164 a.C., Judas Macabeu purificou e reconsagrou o templo profanado pelos gregos, ele reservou as pedras retiradas do altar profanado “à espera de que viesse algum profeta e se pronunciasse a esse respeito [ou seja, do que deveria ser feito com elas]” (1Mc 4.46; cf. 9.27 e 14.41 – BJ).

Um testemunho adicional do encerramento da revelação provém do historiador judeu Flávio Josefo (*Contra Apíão* 1.8), escrito em torno 95 d.C. Ele também declarou que não teria havido nenhuma “perfeita sucessão de profetas” desde o reinado do persa Artaxerxes, no quinto século a.C., época em que Malaquias, Esdras e Neemias estavam ativos.

Nenhum livro além da Bíblia teve maior influência na minha vida do que *A unidade da Bíblia*. Quando o li pela primeira vez, tudo começou a mudar. A santificação do nome de Deus (Mt 6.9) irrompeu como o centro das minhas orações. O amor de Deus por sua glória (Is 48.9-11) deixou de ser egoísta e tornou-se a própria fonte da graça que lança todas as maravilhas do amor para a existência. A lei de Deus deixou de ser incompatível com o evangelho. Ela deixou de reverberar como a descrição de uma atividade destinada a obter resultados de acordo com uma assim chamada aliança de obras (pela qual eu nunca poderia ter êxito na Bíblia) e tornou-se uma valiosa prescrição médica que emana da fé no divino doutor (Rm 9.32).

Os efeitos da mudança de vida causada por *A unidade da Bíblia* de Fuller não são um acaso. Este livro é apaixonadamente preocupado com a verdade das Escrituras. Seu poder está na incessante busca da realidade. Não existe nele nenhuma artimanha acadêmica. A questão não está naquilo que os últimos estudiosos têm pensado, mas sim no que Deus realmente faz na História. Quando o assunto do inferno é abordado, não se propõe apenas uma análise textual, mas tremor. Quando o tema de fé e da obediência é posto, tenho que enfrentar a minha ansiedade, minha ganância e minha luxúria. O livro é sobre a realidade última e de como eu (e você!) me encaixo nela.

Este livro mudou minha vida porque é honesto assim. Não se esquivava de nenhuma pergunta difícil. Nenhum texto perturbador é varrido para debaixo do tapete. Há nele uma paixão em enxergar a escritura como um todo. Daniel Fuller deu sua vida para enxergar as conexões e buscar a coerência de "toda a vontade de Deus".

O livro será de enorme valor para a igreja. Será útil em seminários, faculdades e escolas bíblicas onde professores e alunos lutam para ver a Bíblia como um todo e descobrir o que dá unidade aos sessenta e seis livros inspirados e estes milhares de anos da história do mundo. Mas não apenas em tais lugares este trabalho será importante; ele também vai servir à igreja local em suas aulas e pequenos grupos de estudo que irão se beneficiar não só de sua grande visão da obra unificada de Deus na História, mas também do jorro de insights transformadores de vida direcionados aos problemas que todos enfrentamos na luta diária da fé.

Mais de cem pessoas em minha igreja têm trabalhado com *A unidade da Bíblia* junto a pequenos grupos de orientação pastoral. A visão de Deus e de seus propósitos neste livro tem sido a espinha dorsal teológica de nossa vida em comum. E, talvez, o mais importante de tudo, o grande plano global de Deus desenvolvido neste livro se tornou a chama que impulsiona o motor missionário de nossa igreja.

John Piper